

Blumenthal acredita em renegociação

São Paulo — Bancos norte-americanos e europeus não recusarão empréstimos ao Brasil nem se negarão a renegociar sua dívida, assegurou ontem o ex-Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Michael Blumenthal, na abertura da VII Reunião Plenária do Conselho Empresarial Brasil/Estados Unidos. Ele acha que o caminho da renegociação é "um bom rumo a ser adotado pelo país".

O Ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, também defendeu, em seu pronunciamento, a renegociação da dívida externa. Indagado, depois, sobre o assunto, o Ministro Camilo Penna observou: "Existem coisas que não se põem em jornal. Há negociações sigilosas. Estamos caminhando no rumo certo. Os credores estão dançando o minueto e sabem em que condições o Brasil pode pagar a dívida."

Banqueiros

O presidente da Federação Brasileira de Associações de Bancos, Roberto Bornhausen, também defendeu, em seu pronunciamento, a dilatação dos prazos de pagamento do serviço da dívida, além da obtenção de uma "expressiva redução das taxas de juros reais". Propôs que os prazos sejam adaptados à velocidade de ajuste da economia interna — ajuste este que considera indispensável, desde que adequado à capacidade de resistência social e política do país: "Este processo de ajuste é, portanto, uma via de mão dupla. Dos credores, demanda-se maior liberalidade no comércio internacional e nas exportações de capitais; dos devedores, maior austeridade e ampliação da poupan-

ça interna. O equilíbrio da distribuição do ônus do ajuste é portanto matéria de negociação".

Outro banqueiro que defendeu a renegociação da dívida ontem foi o presidente do Banco de Crédito Nacional, Pedro Conde, que foi um dos debatedores do encontro. O ex-Ministro, Mário Henrique Simonsen, considerou a renegociação "inevitável".

No debate sobre relações financeiras bilaterais, o presidente do Banco Econômico, Ângelo Calmon de Sá, destacou que "o Brasil teve boa fé e confiança no sistema financeiro internacional, mas não foi compreendido".

O Ministro Camilo Penna afirmou ontem que as declarações das autoridades norte-americanas mostram uma busca de solução mas, na prática operacional, ela não se efetiva. Segundo ele, os altos juros e os altos *spreads* (taxa de risco) para o Brasil, as barreiras protecionistas e as taxações compensatórias, impedem um nível adequado das exportações brasileiras para os Estados Unidos.

Diante de 250 empresários, Michael Blumenthal comentou que os empresários norte-americanos encontram dificuldade para se estabelecer no país, na área de alta tecnologia. Ele não citou a informática, mas, nos debates, a reserva de mercado nessa área foi criticada pelos representantes norte-americanos.

Hoje, no segundo dia da VII reunião plenária do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos, o tema principal a ser discutido é a política nacional de informática e sua reserva de mercado.